

# FO LHA VO LAN TE

**COMO (...) COISAS QUE NÃO  
EXISTEM – UMA EXPOSIÇÃO  
A PARTIR DA 31ª BIENAL  
DE SÃO PAULO**

**02 OUT 2015 – 17 JAN 2016**

para educadores  
e outros  
exploradores

Esta folha-volante pretende constituir-se como uma ferramenta de trabalho para professores, educadores e outros exploradores na perspetiva de apoiar a condução de visitas autónomas às exposições, apresentando ainda algumas proposições para experimentação prática antes, durante ou após a visita.

A Bienal de São Paulo foi fundada em 1951 e é a segunda bienal mais antiga do mundo a seguir à Bienal de Veneza, que foi inaugurada em 1885 e lhe serviu de modelo. A bienal tem como objetivo aproximar a arte brasileira do público internacional e vice-versa. Esta será a primeira vez nos seus mais de 60 anos de história que a Bienal de São Paulo viaja para fora do Brasil.

A investigação que a exposição faz do potencial revelador da arte está a ser reconfigurada de acordo com o contexto físico, social e cultural da cidade do Porto e do Museu de Serralves. As obras de arte selecionadas, desde pinturas e esculturas até

vídeos e instalações, condensam as ideias da exposição brasileira e centram-se no modo como a arte pode alterar formas de pensar o mundo. Imaginando modelos de vida e sociedade que são diferentes ou (ainda) não existem, as obras de arte questionam a autoridade da religião, da história e dos sistemas de controlo e apontam de que modo ela poderia ser diferente. O título da exposição está, ele próprio, em constante transformação, com o verbo mutante a sugerir alguns dos muitos e diferentes tipos de experiência da arte enquanto processo de devir: pensar, procurar, lutar por, ler sobre, imaginar (...)

**SERRALVES**  
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Qiu Zhijie, Maps [Mapas] (detalhe), 2015.  
Papel de arroz, Xuan semitransparente.  
Col. do artista.  
Fotografia: Samuel Silva



## Qiu Zhijie, Maps [Mapas], 2012

O mapeamento é uma das principais formas pelas quais a sociedade ocidental construiu e reconstruiu a sua compreensão dos diferentes territórios. Com os mapas, o desconhecido se torna visível e compreensível. No entanto, também já foram usados para ludibriar potenciais viajantes, como na famosa rubrica “aquí há monstros” nos primeiros mapas europeus do continente americano. Qiu Zhijie usa histórias e técnicas de mapeamento, em conjunto com uma antiga tradição chinesa de mapear lugares imaginários, para construir narrativas inesperadas, cidades fictícias ou estranhos locais utópicos como os seus *Map of Utopia* [Mapa da utopia] ou *Map of Total Art* [Mapa da arte total].

Qiu Zhijie teve formação de calígrafo e usa essa habilidade para desenhar os seus mapas à mão livre. Para a 31ª Bienal, desenhou um mapa em grande escala que funciona como um curioso prólogo para a visita da exposição. O mapa baseia-se em algumas das ideias curatoriais e artísticas da Bienal, fundidas com as suas próprias reflexões enquanto estava a preparar a imagem. Desse modo, a ideia de um mapa como representação permanente de uma paisagem geográfica é rejeitada em favor dos aspetos temporários e subjetivos do mapeamento – aspetos sempre presentes, por mais neutro ou científico que ele se proclame.



## Qiu Zhijie

### FAZER MEU. FAZER-ME EU./ OLHAR E CONVERSAR.

– Quando falamos de mapas referimo-nos a uma representação gráfica e métrica de uma porção do território terrestre sobre uma superfície bidimensional, geralmente plana. Será que este mapa desenhado pelo artista chinês Qui Zhijie enquadra-se nesta definição?

– Jorge Luís Borges no seu célebre poema, “O Fazedor” fala-nos de um mapa que era tão detalhado que tinha exatamente o mesmo tamanho que o território que representava e que, por isso, perdia toda a sua “utilidade” de mapa.

*... Naquele império, a Arte da Cartografia conseguiu tal perfeição que o mapa de uma só Província ocupava toda uma Cidade e o mapa do Império toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas desmesurados não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Dadas ao Estudo da Cartografia, as gerações Seguintes consideraram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos.*

(Jorge Luís Borges, “Sobre o Rigor na Ciência”, in *História Universal da Infância*, trad. de José Bento, Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 117.)

Qual a utilidade de um mapa? Como “usarias” o mapa proposto por Qui Zhijie?

– Convidar cada estudante a selecionar do mapa em exposição o conceito ou a palavra mais significativa para si. Como estas conceções (ou formulações) se articulam com a ideia de mapa?

– Consideras possível fazermos um mapa para

nos perdermos? Como seria esse mapa?

### O MEU FAZER. / OUTRAS EXPLORAÇÕES.

– Qiu Zhijie teve formação de calígrafo e usa essa habilidade para desenhar os seus mapas. Estes, mais do que representações científicas de lugares, são tentativas de cartografar territórios imaginários.

Propõe-se o desenvolvimento de um mapa sobre lugares que nunca visitaram e que desejariam conhecer. O que existe nesses lugares, como será a silhueta dessas cidades, ou países? O que imaginam?

Sugere-se a utilização de tinta da china sobre papel de grandes formatos.

Anna Boghiguan, Cities by the River [Cidades à beira rio] (detalhe), 2014. Técnica mista sobre papel. Col. da artista. Fotografia: Samuel Silva.



**ANNA BOGHIGUAN,**  
Cities by the river  
[Cidades à beira rio], 2014

Questões relativas à qualidade da existência e à desigualdade de acesso aos recursos são a preocupação principal dos trabalhos atuais de Anna Boghiguan, uma observadora nómada cuja obra resulta de pequenos desenhos e construção de objetos poéticos sobre a situação do mundo. Na sua proposta de instalação para esta exposição, a artista realizou desenhos tanto no seu atelier no Cairo como nas viagens à Índia, Europa e Brasil. Boghiguan trabalhou diariamente em pequenos cafés no centro das cidades e ao longo dos rios Nilo, Ganges e Amazonas, registando as suas impressões sobre o entorno.

Ao longo dos anos, Anna Boghiguan tem desenvolvido um corpo multidisciplinar de trabalhos, como modo de registar as suas viagens, tais como: desenhos, colagens, imagens misturadas com texto e objetos achados ou esculturas. Os seus projetos podem ser lidos em parte como informes visuais ou como um diário refletindo sobre os nossos tempos confusos. Entrelaçando literatura e textos religiosos, mitologia e poesia, além da análise política dos contextos com que se relaciona, a artista mantém uma relação de conflito com as megacidades, captando a sua essência complexa no tráfego das ruas, nas pessoas no mercado, em comboios indianos ou em resquícios de conflitos e desabamentos.





## FAZER MEU. FAZER-ME EU./ OLHAR E CONVERSAR.

– O que é que existe de comum em todos os desenhos de Anna Boghiguiyan apresentados na exposição?

– Reconheces, na sequência dos desenhos, diferentes geografias?

– Na tua opinião existe alguma relação entre as imagens e os textos? Como coexistem estas duas linguagens no trabalho da artista egípcia?

– O que será que a condição nómada da artista introduz no seu trabalho?

– Como imaginas uma vida nómada? Quais as suas particularidades?

## O MEU FAZER. / OUTRAS EXPLORAÇÕES.

O processo de trabalho de Anna Boghiguiyan passa por uma constante perscrutação e observação dos ambientes onde se insere. A ideia de deslocação e viagem aparece como espécie de modus operandi, permitindo à artista um constante confronto com situações, cenários e ambientes aos quais reage fixando-os nos seus cadernos através de uma expressão intimista em desenho, colagem ou escrita.

Propõe-se a realização de um diário gráfico durante um tempo pré-determinado (por exemplo um mês), a partir das deslocações casa-escola. Neste diário poderão explorar, desenhos de pequenos acontecimentos, paisagens, objetos, colagens e breves reflexões escritas sobre o que veem ou imaginam.

Edward Krasíński, *Composição no espaço*, 1964. Madeira, pintada a preto e branco, cabo de metal com as pontas pintadas de vermelho. Cortesia Paulina Krasíński e Foksal Gallery Foundation, Varsóvia. Fotografia: Samuel Silva.



## **EDWARD KRASIŃSKI,** Spear e outros trabalhos, 1963–65

Edward Krasíński (1925–2004) era ao mesmo tempo um fabricante de objetos e um artista dedicado à sua comunidade. Viveu na Polónia a maior parte da sua vida e o seu trabalho dialogou sempre com o seu quotidiano, ainda que realizasse exposições internacionais desde o início da sua carreira, nos primeiros anos da década de 1960. Krasíński procurou permanentemente usar as suas encenações como modo de escapar ao peso da sua realidade, quer seja no compromisso com a arte e sua materialidade, quer com a sua relação com as autoridades. Fascinado pelo potencial de transformação dos objetos quotidianos, procurou configurá-los em construções delicadamente mágicas, atribuindo-lhes sempre uma presença quase mística.

Quando mostrados pela primeira vez logo depois de serem feitos, em meados dos anos 1960, foram vistos como um prolongamento do surrealismo pelo seu carácter absurdo e lúdico. Cinquenta anos mais tarde, no contexto contemporâneo, a sua aparência pode sugerir outras leituras – menos autorreferenciais no campo da história da arte e mais associada à precariedade social. Krasíński lutou de modo obstinado contra os limites e controlos, procurando o seu próprio caminho na arte, sem afastar-se do mundo. Por meio da transformação de materiais convencionais, ousou arquitetar uma nova imaginação popular que ainda hoje encontra ressonância com a conjuntura social e política contemporânea.



## FAZER MEU. FAZER-ME EU. / OLHAR E CONVERSAR

- O que identificas como predominante na instalação de Krasíński?
- Que dimensão simbólica exploram os materiais usados pelo artista?
- Convidar os estudantes a selecionarem, de entre as palavras apresentadas, aquelas que consideram não se adequarem ao contexto da proposta artística de Krasíński: industrial-manual; pesado-leve; mínimo-máximo; abstração-figuração; geométrico-orgânico; equilíbrio-instável; explosão-concentração.
- Solicitar a organização da turma em pares e propor uma conversa sobre os seguintes tópicos: luz, cor, composição, matérias, espaço negativo, repetição. Após alguns minutos, reunir todos os grupos para conversarem sobre as conclusões a que chegaram.
- Em meados dos anos 1960, na Polónia, muitos consideraram o trabalho de Krasíński como um prolongamento do surrealismo, pelo seu carácter lúdico e absurdo. Na tua opinião quais as características do trabalho de Krasíński que sustentam esta conclusão? Agora, tomando o posicionamento oposto, quais os atributos destas obras que poderiam determinar o seu afastamento do universo surrealista?

## O MEU FAZER / OUTRAS EXPLORAÇÕES

- Krasíński começou a usar a fotografia como parte integrante das suas esculturas a partir dos anos 1960. Ao mesmo tempo utilizou a imagem fotográfica para documentar sequencialmente gestos performativos do seu corpo em interação com objetos-esculturas criados por si, frequentemente tiradas pelo seu amigo fotógrafo Eustachy Kossakowski.
- Propõe-se, do mesmo modo, a realização de um cenário/instalação com recurso a materiais mínimos e leves (rolhas, fios, clips, pedaços de madeira, papéis, entre outros), onde possam inventar uma personagem e desenvolver uma ação performativa que estabeleça relações com o ambiente construído. Essa ação poderá ser registada em fotografia de forma sequenciada.

## FAZER SABER MAIS...

[www.31bienal.org.br/en/](http://www.31bienal.org.br/en/)

[www.artnet.com/artists/qiu-zhijie/](http://www.artnet.com/artists/qiu-zhijie/)

[www.moma.org/collection/works/177469?locale=en](http://www.moma.org/collection/works/177469?locale=en)

[www.contemporaryartdaily.com/2013/04/anna-boghiguian-at-daad/](http://www.contemporaryartdaily.com/2013/04/anna-boghiguian-at-daad/)

[www.qiuzhijie.com/e-homepage.htm](http://www.qiuzhijie.com/e-homepage.htm)

[www.serralves.pt/documentos/exposicoes/Roteiro\\_Bienal\\_pt.pdf](http://www.serralves.pt/documentos/exposicoes/Roteiro_Bienal_pt.pdf)

[www.serralves.pt/documentos/exposicoes/FolhaFamiliasBienal\\_PT.pdf](http://www.serralves.pt/documentos/exposicoes/FolhaFamiliasBienal_PT.pdf)

[www.youtube.com/watch?v=x\\_pXzTB1zfc](http://www.youtube.com/watch?v=x_pXzTB1zfc)

Galit Eilat, Charles Esche, Maria Burmester, Ricardo Nicolau (eds), *Como (falar sobre) coisas que não existem*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2015.

## MARCAÇÃO DAS ATIVIDADES

As atividades estão sujeitas a marcação prévia junto do Serviço Educativo, de segunda a sexta, das 10h00–13h00 e das 14h30–17h00.

A marcação deve ser efetuada com pelo menos 15 dias de antecedência: ficha de pré-marcação disponível online.

### Contatos:

**Cristina Lapa**

[ser.educativo@serralves.pt](mailto:ser.educativo@serralves.pt)

Tel (geral): 22 615 65 00

Tel: 22 615 65 46

Fax: 22 615 65 33

Todo o programa de Visitas e Encontros pode ser consultado no roteiro disponível na receção do Museu e também no site de Serralves em [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt).

### Conceção da Folha Volante:

Samuel Silva

### Coordenadora do Serviço Educativo:

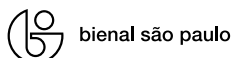
Denise Pollini

### Produção:

Diana Cruz, Cristina Lapa

“Como (...) coisas que não existem – uma exposição desenvolvida a partir da 31ª Bienal de São Paulo” é comissariada por Charles Esche, Galit Eilat e Oren Sagiv, com o apoio dos curadores de Serralves Ricardo Nicolau e Paula Fernandes, e organizada pela Fundação Bienal de São Paulo em colaboração com o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto. Em São Paulo, a exposição foi adicionalmente comissariada por Nuria Enguita Mayo, Pablo Lafuente com Benjamin Serrousi e Luiza Proença.

Coorganizador



Apoio institucional



Apoio



Apoio Media



Patrocínio



Mecenas Exclusivo do Museu

